

Belchior no divã psicanalítico: uma escuta atenta da poesia musicada de um dos maiores compositores da Música Popular Brasileira

Belchior on the psychoanalytical couch: an attentive listening to the poetry set to music by one of the greatest composers of Brazilian Popular Music

Anderson Luis da Paixão CAFÉ¹
Isna Gabriel SIA²
Adelmária Ione dos SANTOS³

Resumo

Até o século XIX, havia a compreensão de que a consciência racional representava a totalidade do aparelho psíquico. Entretanto, com o surgimento da psicanálise, descobriu-se que o sujeito é clivado entre duas dimensões: a dos desejos e a dos regramentos morais, sendo que o resultado desse embate faz surgir as dores e os sofrimentos que são sublimados de diversas formas, inclusive, através da escrita de canções musicais. Este artigo objetivou escutar, atentamente, a poética musicada de um dos maiores compositores da Música Popular Brasileira, Antonio Carlos Gomes Belchior, que migrou de Sobral, no interior do Ceará, para São Paulo, a fim de mostrar a sua poética autobiográfica, contemporânea e nordestina. Através da escuta atenta das dez canções do álbum *alucinação*, foram identificados os sentimentos do poeta que se destacou por tartar dos dramas humanos. Os resultados mostraram os desejos de Belchior em superar a repressão da ditadura militar que recalçou os sonhos de liberdade de sua geração.

Palavras-chave: Filosofia. Psicanálise. Música Popular Brasileira. Belchior.

Abstract

Until the 19th century, there was an understanding that rational consciousness represented the entirety of the psychic apparatus. However, with the emergence of psychoanalysis, it was discovered that the subject is split between two dimensions: that of desires and that of moral rules, and the result of this clash gives rise to pain and suffering that are sublimated in different ways, including, through the writing of musical songs. This article aimed to listen, attentively, to the poetics put to music by one of the greatest composers of Brazilian Popular Music, Antonio Carlos Gomes Belchior, who migrated from Sobral, in the interior of Ceará, to São Paulo, in order to show his autobiographical, contemporary and northeast. Through attentive listening to the ten songs from the album *hallucinação*,

¹ Doutor em Difusão do Conhecimento, pela Universidade Federal da Bahia.
E-mail: andersoncafe2011@gmail.com

² Especialista em Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e indígena, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: isnanynamara@gmail.com

³ Mestra em Ensino, pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).
E-mail: adelmariamariaone@yahoo.com.br

the feelings of the poet who stood out for dealing with human dramas were identified. The results showed Belchior's desire to overcome the repression of the military dictatorship that repressed his generation's dreams of freedom.

Keywords: Philosophy. Psychoanalysis. Popular Brazilian Music. Belchior.

Introdução

A psicanálise, desde a sua origem, é assertiva ao afirmar que o sujeito, em última instância, é um ser clivado entre duas dimensões existenciais: a dos desejos e a dos regramentos morais e sociais. Assim, é o constante embate de forças entre o que é desejado e o que é permitido que dá origem ao que o campo psicanalítico denomina de sofrimento emocional.

Expressões como alucinação; delírio; medo; solidão; desnorteado; desentendimento e desapontado, somente para citar algumas, formam o repertório de palavras-chave que foram amplamente utilizadas pelo cancionista cearense, em suas canções, para promover reflexões a respeito das dores e dos sofrimentos humanos no seio de uma geração que clamava por mais liberdade de expressão e justiça social.

Dessa forma, este artigo buscou escutar, atentamente, a poesia musicada de um dos maiores compositores e cantores da Música Popular Brasileira, Antônio Carlos Gomes Belchior, o poeta sobralense que saiu da cidade de Sobral, no interior do estado do Ceará, para tentar a vida na cidade de São Paulo, morando sob escombros de construções e vivendo sob as expensas de amigos e colaboradores. A questão norteadora deste manuscrito versou sobre a necessidade de se compreender quais foram às angústias, as dores e os sofrimentos, expressos nas canções do álbum *alucinação*, de autoria de Antonio Carlos Gomes Belchior, e que, de certa forma, revelam as representações pulsionais desejanças do poeta sobralense?

Para tentar responder a essa questão norteadora, objetivou-se analisar as dez canções do álbum *alucinação*, de Belchior, identificando as mensagens, ideias e sentimentos de um compositor que se diferenciou dos demais artistas por buscar desenvolver uma arte comprometida com a vida das pessoas, pois como disse o poeta sobralense, em *Fotografia 3X4*, “Eu sou como você que me ouve agora”. Essa implicação com o real, que Belchior chamou de *alucinação*, o permitiu tratar, em suas canções, de temas que, até aquele momento, eram evitados pelos demais compositores da Música

Popular Brasileira, a exemplo da discriminação e do preconceito praticados contra a população de negros, mulheres e homossexuais.

As músicas de Belchior podem ser consideradas emblemáticas por revelarem as angústias, as dores e os sofrimentos de um nordestino que desceu do norte e que no sul viveu na rua “E que ficou desnorteado, como é comum no seu tempo / E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo / E que ficou apaixonado e violento como você”. Belchior produziu uma arte de tensão e de resistência contra todas as formas de opressão e de negação das representações pulsionais de sua geração que desejava liberdade de expressão e justiça social.

No intuito de alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa, os autores estruturaram a escrita deste trabalho da seguinte forma: no primeiro momento, teceu-se essa breve introdução na qual se encontram o problema e o objetivo da pesquisa. No segundo momento, há uma seção de fundamentação teórica na qual se aborda, dentre outros aspectos, sobre o surgimento da psicanálise. Na terceira seção, os autores caracterizaram e analisaram as dez canções do álbum *alucinação*, evidenciando as angústias, as dores e os sofrimentos do poeta sobralense no sentido dele superar, simbolicamente, o grande pai da ditadura militar e as mazelas de injustiça e desigualdades sociais deixadas por esse regime ditatorial. As considerações finais encerram o texto do manuscrito.

Da linearidade da razão ao surgimento das paixões: o nascimento do sujeito do desejo

Desde a mais tenra idade, a criança aprende, em convivência com o Outro maior, termo utilizado pelo psicanalista francês Jacques Lacan para designar o pai, a mãe ou quaisquer outras pessoas que exerçam forte influência formativa sobre a criança, no desenvolvimento psicosssexual, que a diferença fundamental entre o ser humano e os demais seres da natureza repousa, sobretudo, na racionalidade humana.

A crença na superioridade da razão humana marcou uma parte significativa da história dos sistemas de pensamento no ocidente, pois é preciso lembrar que o próprio nascimento da filosofia, enquanto área do saber associado ao amor e à paixão pela sabedoria, esteve relacionada à necessidade de se descreditar, enfraquecer e invisibilizar

os saberes mitológicos, que se encarregavam, na época, pela explicação mitológica e sobrenatural dos fenômenos da natureza e da origem do mundo.

Frases socráticas do tipo “Só sei que nada sei” ou “Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”, somente para citar algumas, expressam, de certo modo, a necessidade de os gregos estabelecerem um paradigma epistêmico no qual se pudesse operar a realidade através da utilização de “[...] enunciados precisos e rigorosos, encadeamento lógico entre os enunciados e conceitos ou ideias obtidas por procedimentos de demonstração e prova, o [que] exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado” (CHAUÍ, 2002, p. 15).

Dessa maneira, a mãe de toda a cultura ocidental, a filosofia, nasceu, oficialmente, no século IV a.C, com a proposta de entender, racionalmente, o surgimento da natureza, buscando estabelecer uma relação causal entre os elementos da *psysis* e do mundo social e cultural grego. Se os pré-socráticos “[...] a fim de evitar a regressão ao infinito da explicação causal, postularam a existência de um elemento físico primordial que serviria de ponto de partida para explicar todo o processo” (MARCONDES, 2007, p.25), os socráticos e os demais pensadores da história do pensamento filosófico ocidental buscaram encontrar, no próprio homem, isto é, em sua moral, as razões lógicas e racionais da sua existência.

Nesse sentido, parece ser perceptível o poderio explicativo da lógica racional que se constitui em uma potente maneira de explicar a vida humana no ocidente, sobretudo a partir do período da modernidade. Se a cultura do “penso, logo existo” instalou-se no ocidente, abrindo uma profunda chaga entre os campos da razão e da emoção, foi a própria filosofia, enquanto campo dialético da produção da verdade, que começou a irrigar as sementes da desconfiança em relação ao poderio da consciência racional enquanto totalidade do psiquismo humano.

O filósofo e professor Paulo Ghiraldelli Júnior (2003), em seu livro intitulado “Introdução à Filosofia”, ressaltou que o movimento de desconstrução da racionalidade moderna iniciou-se pelas mãos de alguns pensadores que começaram a desconfiar do império da consciência racional que, por si mesma, não seria capaz de explicar a complexidade da vida humana. Pensadores do porte intelectual de Charles Darwin (1809-1882); Karl Marx (1818-1883) e Sigmund Freud (1856-1939), somente para citar alguns, são citados, pelo referido professor, como intelectuais que colocaram, sob suspeição, o paradigma explicativo da consciência racional.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud, ao iniciar os seus estudos sobre o inconsciente, descobriu que o homem, psiquicamente, é constituído a partir de feridas narcísicas que o atordoará para o resto de suas vidas. Se o mundo moderno, que pode ser considerado, psicanaliticamente, como aquele que prometeu aos seus filhos um mundo cheio de espelhos os quais refletiriam as suas próprias imagens e semelhanças, colocando-os como centro das atenções, Freud evidenciou que a primeira grande ferida narcísica do ser humano ocorreu quando ele descobriu que o ser humano não era o centro do universo, isto é, que a terra não ocupava o centro de gravitação.

A ferida narcísica, no entanto, não se restringiu ao campo da astronomia, visto que ela foi se espalhando, a moda de uma potente bactéria, para outras dimensões da vida egoica humana. No campo da teoria da evolução natural, por exemplo, Charles Darwin evidenciou que “[...] o homem era apenas um elo na longa corrente da evolução, e não um ponto à parte, especial. Entre um protozoário de épocas remotas e o homem atual não haveria descontinuidade e sim diferença de grau” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2003, p. 94).

Se o homem, até então, se pensava enquanto uma espécie única e com características biológicas totalmente distintas dos demais animais, Charles Darwin, no seu livro “A origem das espécies”, mostrou que, pelo contrário, o ser humano possui muitas características evolutivas fortemente presente nos outros seres da natureza, não podendo, portanto, distinguir-se, tão fortemente, dos demais animais.

Ainda que antibióticos contemporâneos sejam produzidos, a todo instante, para combater os efeitos das bactérias que fazem expandir a ferida narcísica no ser humano, Sigmund Freud, ao desembarcar em Nova York, fugindo do regime nazista, teria dito, ao avistar a estátua da liberdade, que os americanos não sabiam que ele estava lhes trazendo a peste, ou seja, a psicanálise enquanto campo do saber responsável por evidenciar que o ser humano não é o senhor de si em sua própria casa, isto é, que o ser humano não domina e não controla as suas pulsões, desejos e vontades, o que lhes causam dores e sofrimentos emocionais (GAY, 2012).

Para o campo psicanalítico, portanto, o desejo é insustentável, ou seja, as representações pulsionais são freqüentes e contínuas e a possibilidade de sua realização é restrita porque, em última instância, a sociedade se organiza para que a vontade do coletivo se sobreponha às vontades individuais, o que levou Freud a afirmar, conforme o professor Vladimir Safatle (2018), em palestra intitulada “Freud hoje: repensar a

liberdade depois do inconsciente” que o sujeito, em última instância, não existe porque ele é mergulhado, literalmente, em um conjunto de significantes, para lembrar Jacques Lacan, que o produz socialmente de acordo com regramentos morais, sociais, éticos e estéticos que são estruturantes na composição das sociedades organizadas.

Nesse sentido, Freud e seus discípulos observaram que é o conflito entre os desejos do inconsciente e os regramentos morais e sociais que dão origem às angústias, dores e sofrimentos emocionais. De acordo com o pai da psicanálise, seria o embate entre as energias psíquicas do inconsciente (pulsões sexuais) e os mecanismos de defesa do ego (pulsões de auto-conservação), na teoria do aparelho psíquico freudiano, que seriam os principais responsáveis pelo surgimento das neuroses e das psicoses.

É muito provável que o leitor ou a leitora já tenham se perguntado a respeito da diferença entre um neurótico e um psicótico, uma vez que expressões do campo da saúde psíquica, mental e emocional, a exemplo de “ansiedade”; “depressão”; “alucinação”; “delírio” e “esquizofrenia”, somente para citar algumas, são propagadas, amplamente, pelas mais variadas instituições sociais, sem, muitas vezes, se ter o devido cuidado na utilização dessas terminologias específicas que evidenciam o estado de saúde emocional dos pacientes.

A neurose pode ser entendida, de modo geral, como uma patologia ou uma desordem da personalidade que acomete um paciente. Os neuróticos, conforme são chamados na clínica psicanalítica, são os indivíduos que carregam consigo a dor e o sofrimento de não se permitirem viver com o elemento fantasístico dos desejos. Em outras palavras, pode-se dizer que o neurótico é aquele que se esforça, imensamente, para ser o “sujeito normal” da sociedade, isto é, todo neurótico quer se comportar de acordo com os valores morais, sociais, éticos e estéticos impostos pela sociedade e, para isso, ele recalca quaisquer sentimentos e/ou emoções que, por ventura, se contraponham a esses valores.

O fato de os neuróticos quererem, a todo instante, se parecerem tão “normais”, “produtivos”; “eficientes” e “eficazes”, aos olhos dos valores morais produzidos pela sociedade, levaram Christian Dunker e Cláudio Thebas (2021, p.47) a ressaltarem a necessidade de seus pacientes “[...] não se levarem tão a sério, que eles fossem como um palhaço, isto é, capazes de rirem de si mesmos, de aceitarem suas mazelas e vulnerabilidades, de serem menos cruéis com suas autoexigências e ideais”, pois, como observou Santos (2020, p. 62), o esforço sobre humano dos neuróticos para serem “normais”, lhes causam “[...] desperdício de energia mental que resulta num

extraordinário empobrecimento (no que tange à energia mental que permanece disponível), paralisando-os para as tarefas importantes da vida”.

As neuroses são classificadas, na literatura psicanalítica, como (1) neurose de angústia; (2) neurose obsessiva e (3) histeria. As neuroses de angústia são entendidas como as manifestações de ansiedade, medo e fobia que podem evoluir, inclusive, para um quadro depressivo. Nessa situação, o neurótico possui plena consciência de seu estado emocional e luta para libertar-se das dores e dos sofrimentos que a referida neurose lhe causa.

Na neurose obsessiva, o neurótico busca se ocupar de pensamentos e atividades que necessariamente não lhe interessam, ou seja, que ele não vê nenhuma necessidade de sua concretização e cuja realização não lhe traz quaisquer perspectivas de obtenção de gozo ou de prazer em sua execução. Apesar de tudo isso, o neurótico continua a pensar e a executar essas atividades impossibilitando a sua consciência de pensar, criticamente, sobre a realização desses impulsos.

Por fim, mas não menos importante, a histeria é um tipo de neurose que, historicamente, esteve relacionada ao próprio desenvolvimento do pensamento psicanalítico, pois é preciso lembrar que os primeiros atendimentos realizados por Freud, no final do século XIX, ocorreu com as histéricas que chegavam ao seu consultório com queixas diversas associadas à cegueira temporária; dores e tremores musculares e ausência de apetite.

Se a neurose corresponde a uma patologia na qual o paciente está plenamente consciente dos seus conflitos e busca abandoná-los com a ajuda de psicoterapias, nas psicoses, pelo contrário, o paciente não consegue confrontar o seu mundo fantasístico, ou seja, das pulsões; das vontades e dos desejos do inconsciente com a realidade mais concreta e imediata de suas existências, pois o “[...] neurótico não perdeu completamente o contato com a realidade, pois ele sabe que seus medos, manias e obsessões são absurdas. Entretanto, um sujeito que sofre de uma psicose acredita que suas próprias representações fantasiosas se identificam com a realidade” (SANTOS, 2020, p. 68).

A psicose corresponde ao que, popularmente, é conhecida como loucura. Trata-se, portanto, de uma modificação da percepção do sujeito em relação à realidade. Assim, quando essa alteração de percepção leva o sujeito ao desconhecimento radicalizado de sua própria condição psíquica e a ausência de autodeterminação, pode ocorrer a

internação do paciente em instituições públicas e/ou privadas voltadas para o tratamento especializado das doenças psíquicas.

Dentre as formas mais comuns de manifestações da psicose estão a paranóia e a esquizofrenia. O paranóico é o paciente que, de alguma forma, reconhece a realidade, mas a utiliza, unicamente, para projetar os seus desejos, ou seja, a realidade é utilizada, apenas, como um cenário para a manifestação exacerbada de suas manias de grandeza; perseguições e culpas persecutórias. A esquizofrenia, por sua vez, se manifesta de forma mais severa em relação à paranóia porque ela representa um rompimento mais radical com a realidade. O esquizofrênico, de modo geral, desenvolve “[...] alucinações visuais, sinestésicas e auditivas; delírios e discursos incompreensíveis, rompendo as suas ligações com o mundo exterior de maneira mais radical” (SANTOS, 2020, p.69). Dessa maneira, enquanto na paranóia há uma projeção do sintoma para o mundo exterior, na esquizofrenia há uma alucinação, ou seja, uma satisfação alucinatória dos desejos.

As satisfações alucinatórias de Belchior a partir do álbum alucinação

Se a alucinação, no campo psicanalítico, pode ser entendida enquanto uma patologia clínica na qual o paciente aliena-se diante da realidade, a alucinação apresentada por Belchior prega, justamente, o contrário dessa perspectiva, ao buscar desvincular-se de uma arte idealizada, alienada, metafórica e descompromissada com a realidade, visto que, em suas diversas canções, o poeta sobralense quis mostrar que a arte tem o enorme potencial de refletir a vida, incitando os seus ouvintes a conduzirem as suas existências da forma mais livre possível.

A palavra “alucinação” foi o título principal de um dos quinze álbuns musicais da carreira artística do cantor e compositor sobralense Antônio Carlos Gomes Belchior. Esse álbum, lançado em 1976, pela gravadora *Polygram*, através do selo *Philips*, foi fruto de muito trabalho de convencimento do produtor musical Marco Mazzola, que teve contato com a poesia musicada de Belchior, através da cantora Elis Regina. Naquela época, toda a diretoria executiva da *Polygram* resistiu ao projeto musical de lançamento do álbum de Belchior por considerá-lo inexpressivo, musicalmente, e pelo fato de sua voz ser analisada. Inconformado com a situação, diz Jotabê Medeiros (2017, p.92), Mazzola recorreu ao presidente da gravadora, André Midani, que decidiu bancar o lançamento do disco.

De acordo com o que foi destacado na seção anterior, as dores e os sofrimentos humanos, do ponto de vista psicanalítico, são decorrentes do confronto entre as representações pulsionais dos desejos de um sujeito (inconsciente) e os regramentos morais, sociais e estéticos estabelecidos pela sociedade (superego), ao qual cabe à consciência (ego) mediar esse conflito de interesses. Em alucinação, ficou visível que os desejos e as vontades de Belchior, expressas nas dez canções, tratam da pulsão do cearense de supercar, simbolicamente, o grande pai repressor freudiano que, nesse caso, era a ditadura política e militar vigente no Brasil e na América Latina, evidenciando o quanto esse regime era responsável pela ampliação das desigualdades e injustiças sociais.

A primeira canção do álbum, intitulada “Apenas um rapaz latino-americano” é a primeira manifestação de angústia do poeta sobralense em relação à opressão do grande pai ditador do regime militar de sua época. Apesar de ciente de que “tudo é proibido”, Belchior convida o seu público a transgredir e superar o grande pai da ditadura militar, afirmando, poeticamente, que “Tudo é permitido até beijar você no escuro do cinema / Quando ninguém nos vê.” Essa vontade de superar o poder e a dominação do regime político-militar é destacada, novamente, em outro trecho da canção, quando o poeta sobralense diz ser impossível submeter a arte e a criação musical aos ditames morais do superego ditador ao ressaltar que “Não me peça que eu lhe faça uma canção como se deve / Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve / Sons, palavras, são navalhas / E eu não posso cantar como convém / Sem querer ferir ninguém.

Jotabê Medeiros (2017), ao produzir uma das biografias mais completas sobre Belchior, destacou que a letra da canção “Apenas um rapaz latino-americano” nasceu após uma aula que Belchior assistiu, entre 1974 e 1975, na Universidade de Brasília, proferida pelo seu então amigo e filósofo cearense, Augusto Pontes. Nessa aula, Augusto Pontes referiu-se a si mesmo como um “rapaz latino-americano sem parentes militares” e imaginem que, em plena ditadura militar, essa audácia de Augusto Pontes rendeu muitas gargalhadas entre os presentes. De acordo com Jotabê Medeiros (2017, p.82), “[...] Fagner, também no recinto, gargalhou tão alto que a sala toda se virou para ele. Belchior, o mais calado de todos, também adorou a boutade de Augusto, mas foi além: esperou algum tempo e construiu uma canção inteira em torno do mote”.

Considerado por Medeiros (2017); Cabral (2017) e Fuscaldo e Bortoloti (2021) como um homem de voz mansa, gestos simples, personalidade tranqüila e possuidor de um vasto repertório intelectual e cultural, Belchior compôs a segunda canção do seu disco

portando-se como um homem mais velho e maduro que aconselha um amigo mais jovem sobre a necessidade de rejuvenescer. A canção intitulada “Velha roupa colorida” encantou a madrinha musical de Belchior, Elis Regina, que, ao escutá-la, não teve dúvidas em relação à qualidade da música. A dor e o sofrimento poético de Belchior, nessa canção, é que a nação envelheceu por ter passado boa parte de sua juventude sob os ditames da ditadura militar e, por isso, meu amigo, canta Belchior, “Eu não posso deixar de dizer / Que uma nova mudança em breve vai acontecer / E o que há algum tempo era jovem novo, hoje é antigo / E precisamos todos rejuvenescer”.

O desejo de ver uma juventude aguerrida; menos oprimida e capaz não apenas de sonhar, mas, sobretudo, de transformar a estrutura política do país, libertando-a da opressão do grande pai fascista e ditatorial do regime militar levou Belchior a compor a canção “Como nossos pais”, a terceira do álbum *alucinação*, também gravada pela cantora Elis Regina. Nessa canção, que não deixa de revelar a vontade de Belchior de matar, simbolicamente e politicamente, o grande pai (a ditadura) e libertar todos os seus desejos de transformação social, o poeta sobralense não deixou de chamar à atenção dos artistas e intelectuais para a necessidade de superarem os seus egos narcísicos e produzirem uma música engajada e comprometida com as transformações sociais do seu tempo, pois “Viver é melhor que sonhar / Eu sei que o amor é uma coisa boa, / mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa.

Essa estrofe de “Como nossos pais” é reveladora de um Belchior que está preocupado em dizer aos seus ouvintes sobre o quanto eles podem se tornar menos egoístas e submissos ao poder e a dominação do capital financeiro; de quanto eles podem matar os seus grandes pais, no sentido freudiano do termo, que lhes ditam o quê e o como fazer, fazendo-o desprezar o que há de mais importante na vida, a liberdade.

A vontade de viver em uma sociedade livre, forte e democrática na qual os cidadãos fossem plenamente dotados de direitos sociais, justiça social e condições igualitárias de acesso aos bens culturais, negados pela repressão militar entre os de 1960, 1970 e 1980, certamente corroborou para Belchior escrever uma das letras mais importantes do álbum *alucinação*, intitulada “Sujeito de Sorte”. Pode-se dizer que essa é uma canção que incita a superação; que convoca a juventude para a luta; que diz ao indivíduo que, apesar de muito jovem, ele pode se considerar sã, salvo e forte.

No álbum *Amarelo*, lançado pelo compositor e cantor brasileiro, Emicida, no ano de 2019, no Teatro Municipal de São Paulo, a letra “Sujeito de Sorte”, de Belchior,

aparece como um hino de convocação da população preta e marginalizada das periferias deste país a superarem o preconceito e a discriminação que, infelizmente, ainda está em plena operação no território brasileiro. É emocionante observar a platéia do Teatro Municipal de São Paulo cantar o refrão “Tenho sangrado demais / Tenho chorado pra cachorro / Ano passado eu morri / Mas esse ano eu não morro”.

O cantor e compositor pernambucano Lenine, um dos mais importantes artistas contemporâneos da Música Popular Brasileira, chegou a afirmar, conforme revelou Jotabê Medeiros (2017, p.108), que o álbum *alucinação* era uma obra prima, pois “[...] você o ouve de cabo a rabo e não tem nada fora do lugar, todas as canções são perfeitas. É uma preciosidade”. É bem provável que Lenine tenha razão, pois o encadeamento das letras com a temática principal do álbum é de chamar à atenção para quaisquer ouvintes atentos às composições do poeta sobralense.

Em “Como o diabo gosta”, quinta canção do álbum, Belchior, através de pouquíssimas palavras, expõe o seu desejo pulsional de romper com a estrutura de opressão e dominação do grande pai da ditadura militar, desferindo, inclusive, um golpe certeiro no órgão sexual de obtenção de prazer do grande pai ditador: o estabelecimento de regras. Para os autores deste manuscrito, é muito provável que a letra dessa canção seja a mais revolucionária e potente de todo o disco pela enérgica convocação da juventude para a resistência ao poder do grande pai, conforme revela esta estrofe: “A única forma que pode ser norma / É nenhuma regra ter / É nunca fazer nada que o mestre mandar / Sempre desobedecer / Nunca reverenciar.

A sexta canção do álbum possui o mesmo título do trabalho que projetou Belchior, em 1976, ao panteão dos maiores artistas da Música Popular Brasileira. É muito provável que essa seja a canção mais conhecida do poeta sobralense por ser “[...] terna e lamentosa, lamento pulverizado pela batida de rocker, docemente incendiária” (MEDEIROS, 2017, p.85). Na seção anterior deste artigo, foi possível perceber que o nascimento do sujeito do desejo esteve fortemente atrelado ao surgimento da psicanálise, pois é preciso lembrar que o homem sofre e era preciso fazer com que ele falasse sobre o seu sofrimento.

Belchior, na canção que deu título ao álbum, tratou de temas que estavam, até então, recalcados no inconsciente da Música Popular Brasileira e, como tal, não apareciam nas composições musicais de seus contemporâneos. Sentimentos como solidão, angústias, suicídio e tristezas não eram expressos nas poesias musicadas da música popular. Nessa canção, o poeta sobralense tratou da solidão das grandes cidades

e do suicídio, a exemplo do que revela este trecho “Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar / E a solidão das pessoas dessas capitais / A violência da noite, o movimento do tráfego”. Em outra estrofe, Belchior revelou a sua vontade de combater o preconceito e a discriminação sofrida pelos negros, mulheres, gays e prostitutas, a exemplo do que diz este trecho: “um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha / Garotas dentro da noite / Os humilhados do parque com os seus jornais / Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais”.

Em “Não leve flores”, a sétima canção do álbum, o poeta sobralense canta à moda *country* americano sublimando, mais uma vez, sob forma poética, a sua representação pulsional desejosa de confrontar e superar o poder opressor do grande pai da ditadura militar. À moda do Complexo de Édipo, mito grego escrito por Sófocles que serviu, inclusive, para o pai da psicanálise, Sigmund Freud, ilustrar a batalha psíquica que se estabelece, na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual infantil, entre o filho e o pai em torno da disputa pelo amor da mãe, Belchior ressaltou, no refrão da canção, que o grande pai opressor nunca deve cantar vitória antecipada. Essa música pode levar o ouvinte a associá-la ao que fez o rei Laio, de Tebas, no mito grego, ao pensar que tinha se livrado, facilmente, da maldição anunciada pelo Oráculo de Delfos, ordenando a morte do seu próprio filho, Édipo, que, segundo a lenda, o mataria e o desposaria, o que, de fato, aconteceu (SÓFOCLES, 1998).

Enquanto cantor e compositor extremamente apaixonado pela leitura e pela pintura, Belchior era um ávido leitor de literatura e filosofia em virtude da formação obtida, por mais de três anos, enquanto interno do convento de Guaramiranga, na adolescência. Nessa trajetória, o poeta sobralense acumulou um vasto repertório intelectual e cultural que o diferenciou de outros artistas da Música Popular Brasileira. Dessa maneira, não seria estranho associar trechos de sua poesia com o que há de mais sofisticado na história do pensamento ocidental.

A oitava música do álbum chama-se “A palo seco”, cujo título se refere a ideia de um canto produzido sem acordes e suportes acústicos que tornariam a música mais agradável aos ouvidos. Nessa canção, o poeta sobralense descarregou as suas angústias, dores e frustrações ao perceber o avanço do militarismo no Chile e no Uruguai e ao tomar conhecimento do desaparecimento político daqueles que lutavam contra o regime militar no Brasil. O discurso fascista, usado pelos militares, para justificar o regime em face do

suposto milagre econômico do país, foi outra frustração encarada e cantada por Belchior nessa canção (MEDEIROS, 2017).

No campo psicanalítico, o método da associação livre, criado por Freud, é a forma pela qual o analista tem acesso às representações pulsionais dos desejos do inconsciente que foram reprimidos pelos mecanismos de defesa do ego e que, como descobriu Freud, retornam, de alguma forma, à consciência do sujeito, através de palavras, gestos, sonhos e chistes. Na canção “A palo seco”, expressões como “desesperava”; “desespero”; “desesperadamente”; “descontente”; “grito em português”; “sonho”; “sangue”; “canto torto”; “feito faça”; “corte a carne de vocês” evidenciam a indignação de Belchior e a sua disposição para o combate e a subversão edipiana contra o poder ditatorial do pai ditador. Como lembrou Jotabê Medeiros (2017, p.106), Belchior é um tipo de sujeito com viés fortemente libertário e, para isso, o biógrafo destacou uma passagem de uma entrevista concedida pelo próprio Belchior à revista Música, no ano de 1979, a qual o cearense de Sobral diz o seguinte: “[...] a arte deveria dizer às pessoas que o poder não é tão importante. Por que temos de obedecer? Por que nós devemos estar humilhados ou sujeitos a ideologia política, pensamento, religião? Por quê? A minha arte quer propor uma liberdade de tudo”.

Escutar Belchior demanda muita atenção por parte dos ouvintes porque “[...] não é o tipo de música que se possa ouvir e ao mesmo tempo fazer outra coisa na casa. Ela tem um peso e uma dimensão reflexiva” (MEDEIROS, 2017, p.137). É através de suas composições que Belchior expõe a sua visão crítica de mundo; os seus percalços de vida e, sobretudo, as angústias, as dores e os sofrimentos de um jovem que desceu do norte, que no sul viveu na rua. Em Fotografia 3X4, nona canção do álbum alucinação, Belchior relatou as suas próprias dificuldades ao sair de Sobral, no estado do Ceará, em direção à cidade grande de São Paulo, iniciando a canção com um relato autobiográfico ao afirmar: “Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei / Jovem que desce do norte pra cidade grande / Os pés cansados e feridos de andar légua tirana”.

Em Fotografia 3x4, Belchior fez questão de revelar o seu incomodo em relação a um dos maiores problemas sociais do Brasil e do mundo que é a questão do êxodo das populações das comunidades consideradas subdesenvolvidas, dentro da lógica de acumulação do sistema capitalista, para os grandes centros urbanos em busca de novas oportunidades de vida. Nesse percurso, destacou Belchior, familiares, amigos e amores são deixados para trás, pois como canta o poeta, “[...] a mulher, a mulher que eu amei /

Não pode me seguir, não”, causando dores e sofrimento para quem fica e para quem chega à cidade grande.

Composta por apenas duas estrofes, “Antes do fim” é a última faixa do disco *alucinação* que encerra o belíssimo trabalho artístico de Belchior. Nesta canção, o poeta sobralense, à moda freudiana, diz aos seus ouvintes que viver não é nada fácil, pois a própria condição humana, diferente da dos deuses, tornam os homens limitados; frustrados; ressentidos; incompletos; desejosos de desejos não realizados, mas, com tudo isso, disse o poeta, “Deus é seu amigo” e, cientes de suas próprias limitações, é possível desejar aos homens “Muito amor e muito mais”.

Considerações finais

Este artigo buscou promover uma escuta atenta da poesia musicada de um dos maiores cantores e compositores da Música Popular Brasileira, a saber: Antônio Carlos Gomes Belchior, o rapaz Latino-Americano sem dinheiro no banco e sem parentes importantes que migrou da cidade de Sobral, no interior do estado do Ceará, para tentar a sorte grande na cidade de São Paulo.

Com aporte da teoria psicanalítica desenvolvida pelo médico neurologista austríaco Sigmund Freud, os autores deste manuscrito analisaram as dez canções do álbum *alucinação*, gravado pela *Polygram*, através do selo *Philips*, no ano de 1976, no sentido de identificarem as principais angústias, dores e sofrimentos do poeta sobralense que foram recalcados pelos mecanismos de defesa do ego a fim de atender aos comportamentos morais, sociais e estéticos ditados pelo superego do grande pai da ditadura política e militar no Brasil e na América-Latina entre as décadas de 1960 e 1980.

Como disse o pai da psicanálise, as representações pulsionais dos desejos e das vontades, ainda que recalcadas pelos mecanismos de defesa do ego, buscam, de todas as formas, retornarem à consciência do sujeito e, para isso, se utilizam de diferentes recursos mentais a exemplo das sublimações artísticas e culturais representadas pelas composições musicais. Dessa maneira, as canções do poeta sobralense revelaram um artista desejoso por justiça social, liberdade e felicidade para o povo brasileiro cuja obra colaboraria para a construção de uma nação mais forte, justa e democrática a qual a arte, como disse o poeta, estaria totalmente comprometida com esse projeto de transformação social, pois “Amar e mudar as coisas nos interessa mais”.

Referências

ALMEIDA, Alexandre Patrício de. **Psicanálise de boteco**: o inconsciente na vida cotidiana. 2.ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

BELCHIOR. **Alucinação**. Produção de Marco Mazzola. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976. 1 disco sonoro (37:25 min), 33 1/3 rpm, estereo., 12 pol.

CABRAL, Jorge Claudio de Almeida. **Belchior**: a história que a biografia não vai contar. Porto Alegre: edição do autor, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12.ed. São Paulo: editora Ática, 2002.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2021.

FUSCALDO, Chris; BORTOLOTTI, Marcelo. **Viver é melhor que sonhar**: os últimos caminhos de Belchior. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2021.

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. Tradução Denise Bottmann. Consultoria editorial de Luiz Meyer. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Introdução à filosofia**. Barueri: Manole, 2003.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2.ed.; rev.; ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MEDEIROS, Jotabê. **Belchior**: apenas um rapaz latino-americano. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2017.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Sigmund Freud por Luiz Felipe Ponde**. Entrevistador: Celso Loducca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EdxnL5Lf8wY>. Acesso em 17 jul. 2023. Entrevista concedida pelo filósofo Luiz Felipe Pondé ao programa Quem somos nós, da Casa do Saber, dentro da série grandes pensadores.

SAFATLE, Vladimir. **Freud hoje**: repensar a liberdade depois do inconsciente. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWzdID0zCyY>. Acesso em 10 ago. 2023. Palestra proferida pelo filósofo Vladimir Safatle, no programa Café Filosófico, dentro da série “Grandes interpretes para questões do século XXI”, de curadoria do professor José Alves Freitas Neto.

SANTOS, Moisés do Vale dos. **Introdução à teoria psicanalítica**: Freud, psicanálise e conceitos. Curitiba: Juruá, 2020.

SÓFOCLES. **Édipo rei**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1998.